

Manejo integral da terapia antidepressiva em psiquiatria pediátrica

Juciane Valentim



10.56238/rcsv14n4-017

RESUMO

O manejo de medicamentos antidepressivos em crianças e adolescentes envolve uma consideração cuidadosa devido aos seus perfis farmacocinéticos e farmacodinâmicos únicos. Os farmacêuticos são parte integrante desse processo, garantindo que os medicamentos sejam usados corretamente e monitorando a eficácia e os efeitos adversos. Os antidepressivos são prescritos para várias condições, incluindo depressão maior, transtorno obsessivo-compulsivo e transtornos de ansiedade. Dadas as diferenças metabólicas específicas da idade, o tratamento deve ser adaptado e monitorado de perto quanto a efeitos colaterais, como ganho de peso, distúrbios do sono e impactos no desenvolvimento neuromotor. A revisão de Cardy, Dhaliwal e Reddy (2017) destaca o aumento do uso de antidepressivos em pacientes pediátricos desde o final da década de 1990, com um ressurgimento após um breve declínio devido a preocupações regulatórias. A prevalência da prescrição off-label, apesar da aprovação limitada do FDA para muitos antidepressivos nessa faixa etária, levanta questões importantes sobre sua eficácia e segurança. Walkup (2017) enfatiza o papel do farmacêutico no gerenciamento desses tratamentos, enfatizando a necessidade de monitoramento cuidadoso e planos de tratamento individualizados. Taurines et al. (2011) destacam a importância de combinar a terapia antidepressiva com intervenções não farmacológicas, como a psicoterapia, para o manejo de sintomas depressivos graves. Hetrick et al. (2012) revisam a eficácia de antidepressivos mais recentes, particularmente ISRSs, observando benefícios modestos, mas também um risco aumentado de resultados relacionados ao suicídio, recomendando a fluoxetina como opção de primeira escolha. Díaz-Caneja et al. (2014) investigam o aumento da polifarmácia envolvendo antidepressivos e outras drogas psicotrópicas, destacando a necessidade de mais pesquisas para entender sua eficácia e segurança. Por fim, Luft et al. (2018) abordam a questão dos sintomas de ativação associados aos antidepressivos, ressaltando a necessidade de melhor compreensão e gerenciamento. No geral, uma abordagem colaborativa envolvendo farmacêuticos, médicos e pesquisadores é essencial para garantir uma terapia antidepressiva segura e eficaz para pacientes pediátricos, enfatizando a necessidade de pesquisas contínuas e práticas baseadas em evidências.

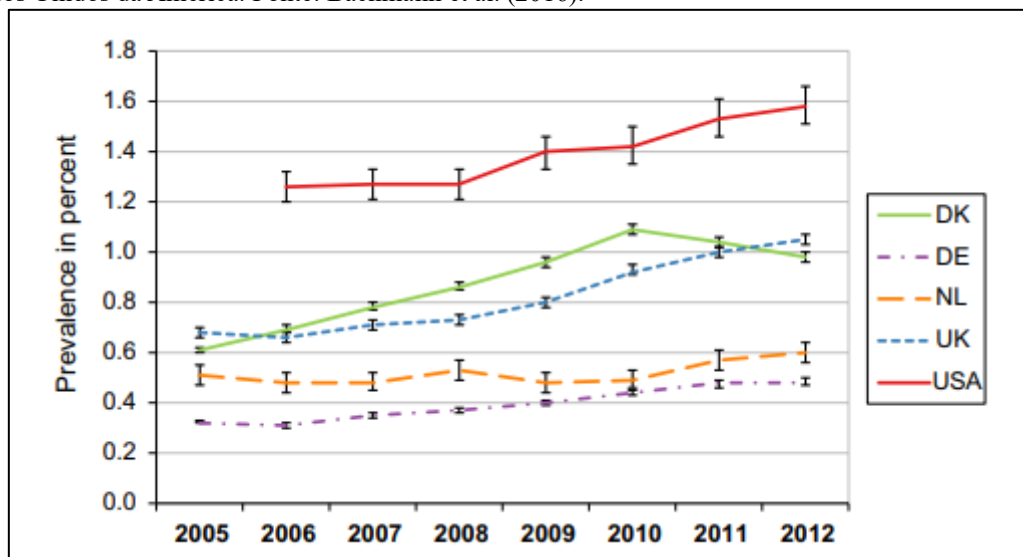
Palavras-chave: Psiquiatria Pediátrica, Antidepressivos, Farmacêuticos, Polifarmácia, Sintomas de Ativação.

1 INTRODUÇÃO

O manejo dos transtornos depressivos em crianças e adolescentes muitas vezes envolve o uso de medicamentos antidepressivos, que devem ser administrados com cuidado devido às características únicas dessa faixa etária. Os farmacêuticos desempenham um papel crucial para garantir o uso correto desses medicamentos, otimizando o tratamento, minimizando os riscos e maximizando os benefícios. Os antidepressivos são prescritos para condições como depressão maior, transtorno obsessivo-compulsivo e transtornos de ansiedade. Devido às diferenças na farmacocinética e farmacodinâmica em populações mais jovens em comparação com adultos, os medicamentos devem ser adaptados às

necessidades individuais, com monitoramento rigoroso dos efeitos colaterais, como ganho de peso, distúrbios do sono e impactos no desenvolvimento neuromotor.

Figura 1: Prevalência percentual de uso de antidepressivos em crianças e adolescentes (0-19 anos) em coortes de jovens de cinco países, 2005-2012. Nota de indexação: DE=Alemanha, DK=Dinamarca, NL=Holanda, UK= Reino Unido, EUA=Estados Unidos da América. Fonte: Bachmann et al. (2016).



Cardy, Dhaliwal e Reddy (2017) discutem o aumento do uso de antidepressivos em crianças e adolescentes desde o final da década de 1990, observando um ressurgimento após um declínio temporário devido a advertências regulatórias. Apesar de muitos antidepressivos não serem oficialmente aprovados para uso pediátrico, a prescrição off-label continua comum. Esta revisão destaca preocupações sobre eficácia, tolerabilidade e segurança, enfatizando a necessidade de abordagens de tratamento personalizadas e pesquisas adicionais, particularmente em relação a estudos naturalísticos.

Walkup (2017) enfatiza o papel crítico do farmacêutico no gerenciamento de tratamentos antidepressivos para pacientes jovens, ressaltando a necessidade de monitoramento cuidadoso devido às diferenças farmacocinéticas e farmacodinâmicas específicas da idade. Os farmacêuticos devem navegar pelos ajustes de dosagem, possíveis interações medicamentosas e efeitos colaterais, ao mesmo tempo em que fornecem suporte e educação contínuos aos pacientes e suas famílias. Essa abordagem detalhada é crucial para otimizar os resultados terapêuticos e garantir a segurança.

Taurinas et al. (2011) fornecem uma visão abrangente do uso de antidepressivos em crianças e adolescentes, destacando a importância de intervenções não farmacológicas, como psicoterapia para sintomas leves a moderados e o papel de medicamentos como a fluoxetina para casos graves. Eles discutem a necessidade de consentimento informado ao usar medicamentos off-label e descrevem estratégias terapêuticas para o manejo de transtornos depressivos.

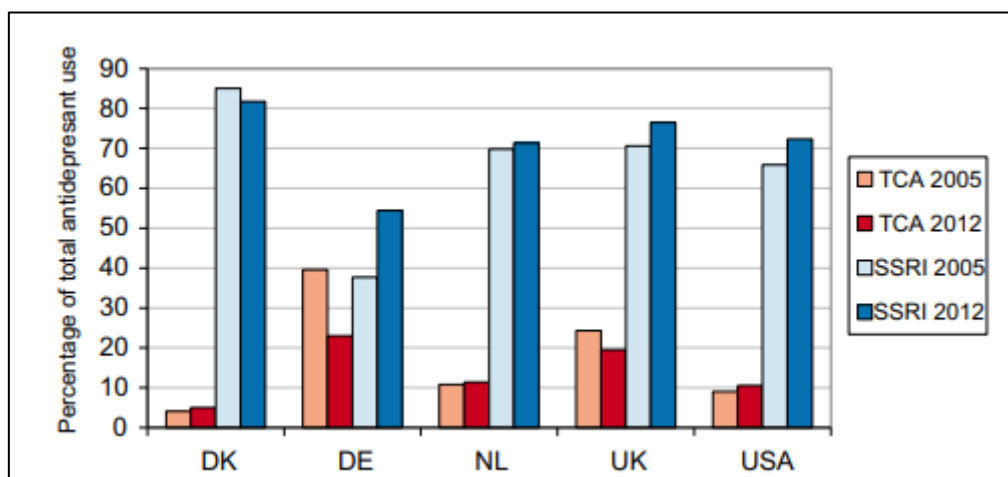
Hetrick et al. (2012) investigam a eficácia e a segurança dos antidepressivos de nova geração, particularmente os inibidores seletivos da recaptação da serotonina (ISRSs), no tratamento de transtornos depressivos pediátricos. A revisão de dezenove ensaios revela benefícios modestos na redução da gravidade da depressão e na melhoria das taxas de remissão, mas também destaca um risco aumentado de desfechos relacionados ao suicídio. O estudo pede cautela na interpretação dos resultados devido a limitações metodológicas e sugere a fluoxetina como medicamento de primeira escolha, se necessário.

Díaz-Caneja et al. (2014) revisam a epidemiologia da polifarmácia envolvendo antidepressivos e outros psicotrópicos em crianças e adolescentes. Suas descobertas indicam um aumento em tais práticas, particularmente combinando antidepressivos com estimulantes e antipsicóticos. O estudo aponta para evidências preliminares que apóiam alguns padrões de polifarmácia, mas pede mais pesquisas para entender melhor sua eficácia e segurança.

Luft et al. (2018) abordam a questão da tolerabilidade aos antidepressivos na juventude, com foco nos sintomas de ativação, como impulsividade e insônia. Apesar de ter sido identificada como um efeito colateral na década de 1990, a ativação permanece pouco compreendida. O estudo examina sua fisiopatologia, preditores e oferece orientação sobre o manejo desses sintomas em pacientes jovens.

Finalmente, Lawrence et al. (2017) fornecem uma revisão detalhada do uso de antidepressivos no tratamento da depressão pediátrica, abordando questões-chave sobre eficácia, comparação com psicoterapia, resultados a longo prazo, aprovação do FDA e risco de suicídio. A revisão oferece informações valiosas para os médicos sobre como lidar com as complexidades do tratamento antidepressivo em pacientes jovens e fornece recomendações práticas para sua aplicação na prática clínica.

Figura 2: Tendências no uso de medicamentos antidepressivos em crianças e adolescentes (0-19 anos) em coortes de jovens de cinco países para antidepressivos tricíclicos e inibidores seletivos da recaptação da serotonina (2005 vs. 2012). Nota de indexação: DE=Alemanha, DK=Dinamarca, NL=Holanda, SSRI=Inibidores seletivos da recaptação da serotonina, TCA=Antidepressivos tricíclicos, Reino Unido=Reino Unido, EUA=Estados Unidos da América. Fonte: Bachmann et al. (2016).



A assistência farmacêutica é, portanto, crucial para garantir que o uso de antidepressivos em crianças e adolescentes seja seguro e eficaz. A experiência dos farmacêuticos no gerenciamento de medicamentos, monitoramento de efeitos adversos e educação contínua contribui significativamente para melhorar os resultados terapêuticos e promover a saúde mental de pacientes jovens.

Em conclusão, o manejo da terapia antidepressiva em crianças e adolescentes requer uma abordagem diferenciada e vigilante, dadas as características farmacocinéticas e farmacodinâmicas distintas dessa população. Os estudos revisados ressaltam o uso crescente de antidepressivos, apesar dos desafios e controvérsias em torno de sua eficácia, segurança e status de aprovação. Os farmacêuticos desempenham um papel fundamental neste contexto, garantindo que os medicamentos sejam administrados com segurança e eficácia, minimizando os riscos e abordando possíveis efeitos colaterais. Seu envolvimento é crucial para fornecer atendimento personalizado, educar os pacientes e suas famílias e monitorar o tratamento contínuo.

A literatura revela que, embora os antidepressivos possam oferecer benefícios modestos no tratamento de transtornos depressivos e de ansiedade em jovens, seu uso deve ser cuidadosamente equilibrado com os riscos potenciais, incluindo o aumento do risco de pensamentos e comportamentos suicidas. A natureza evolutiva das prescrições de antidepressivos, incluindo o uso de polifarmácia e tratamentos off-label, destaca a necessidade de pesquisa contínua e prática baseada em evidências.

Em última análise, uma abordagem colaborativa envolvendo farmacêuticos, médicos e pesquisadores é essencial para otimizar a terapia antidepressiva em populações pediátricas. Ao manter-se informado sobre as evidências mais recentes, adotar uma estratégia de tratamento cuidadosa e individualizada e defender mais pesquisas, os profissionais de saúde podem contribuir significativamente para a segurança e eficácia dos tratamentos de saúde mental para crianças e adolescentes, promovendo melhores resultados e melhor qualidade de vida para pacientes jovens.

REFERÊNCIAS

BACHMANN, C. J. et al. Trends and patterns of antidepressant use in children and adolescents from five western countries, 2005–2012. *European Neuropsychopharmacology*, v. 26, n. 3, p. 411-419, 2016.

CARDY, R.; DHALIWAL, S.; REDDY, P. Antidepressant drug treatment in child and adolescent psychiatry. *MJIEM*, v. 1, p. 31-39, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.18689/MJIEM-1000106>. Acesso em: 13 set. 2024.

DÍAZ-CANEJA, C. M. et al. Polypharmacy with antidepressants in children and adolescents. *The International Journal of Neuropsychopharmacology*, v. 17, n. 7, p. 1063-1082, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1017/S1461145712001265>. Acesso em: 13 set. 2024.

HETRICK, S. E. et al. Newer generation antidepressants for depressive disorders in children and adolescents. *The Cochrane Database of Systematic Reviews*, v. 11, p. CD004851, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/14651858.CD004851.pub3>. Acesso em: 13 set. 2024.

LAWRENCE, H. et al. Medication for child and adolescent depression: Questions, answers, clarifications, and caveats. *Practice Innovations*, v. 2, p. 39-53, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1037/pri0000042>. Acesso em: 13 set. 2024.

LUFT, M. et al. Antidepressant-induced activation in children and adolescents: Risk, recognition, and management. *Current Problems in Pediatric and Adolescent Health Care*, v. 48, n. 2, p. 50-62, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.cppeds.2017.12.001>. Acesso em: 13 set. 2024.

TAURINES, R. et al. Pharmacotherapy in depressed children and adolescents. *The World Journal of Biological Psychiatry*, v. 12, p. 11-15, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.3109/15622975.2011.600295>. Acesso em: 13 set. 2024.

WALKUP, J. T. Antidepressant efficacy for depression in children and adolescents: Industry- and NIMH-funded studies. *The American Journal of Psychiatry*, v. 174, n. 5, p. 430-437, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1176/appi.ajp.2017.16091059>. Acesso em: 13 set. 2024.